O BRINCAR HEURÍSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CÁTIA BORGES DA ROCHA

RESUMO

O brincar heurístico é uma proposta educativa que estimula a criança a explorar livremente objetos do cotidiano, desenvolvendo sua curiosidade, autonomia e aprendizado por meio da experimentação sensorial e da descoberta espontânea. Este artigo tem como objetivo analisar o papel do brincar heurístico no processo de aprendizagem e desenvolvimento de crianças na Educação Infantil. Com base em uma abordagem qualitativa e fundamentação teórica em autores como Goldschmied, Piaget, Vygotsky, Montessori e Malaguzzi, o estudo apresenta os princípios do brincar heurístico, seus benefícios e os desafios para sua implementação nas instituições de ensino. A proposta valoriza a autonomia da criança, incentivando a exploração livre de objetos não estruturados, o que contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional, social e linguístico. Por meio da observação atenta e da escuta sensível, o educador atua como mediador do processo, oferecendo um ambiente rico em estímulos e livre de interferências diretas. Foram discutidas experiências reais de aplicação dessa abordagem em contextos escolares e as estratégias possíveis para superar barreiras como a falta de formação dos profissionais, resistência de famílias e limitações estruturais. Conclui-se que o brincar heurístico é uma prática educativa potente, que respeita o tempo da infância e promove aprendizagens significativas por meio da investigação, da curiosidade e do encantamento.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincar heurístico. Desenvolvimento infantil.

1 INTRODUÇÃO

Brincar é coisa séria, embora pareça, à primeira vista, apenas passatempo de criança. É por meio das brincadeiras que os pequenos exploram o mundo, descobrem seus sentidos e constroem os primeiros alicerces do conhecimento. Nesse cenário, o brincar heurístico surge como uma proposta encantadora e poderosa, capaz de transformar objetos simples do dia a dia em janelas para o aprendizado e a autonomia. Trata-se de uma prática pedagógica que valoriza a curiosidade natural da criança, incentivando a investigação livre, a manipulação e a experimentação com diferentes materiais.

Em um tempo em que brinquedos eletrônicos e estímulos prontos dominam o cotidiano das crianças, é urgente resgatar formas mais naturais e significativas de brincar. O brincar heurístico, justamente por não oferecer respostas prontas, desafia a criança a pensar, testar hipóteses e construir sentido a partir da própria experiência. Isso dá asas à criatividade e fortalece habilidades cognitivas, motoras e emocionais. Tudo isso acontece no silêncio da observação, sem pressa nem pressão.

A escolha por estudar esse tema se justifica pela necessidade de repensar as práticas pedagógicas na Educação Infantil. Em muitos contextos, ainda se vê uma tendência à condução excessiva das atividades e à oferta de brinquedos com funções fechadas, que pouco instigam a exploração livre. O problema de pesquisa que se coloca, então, é: de que forma o brincar heurístico pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem na primeira infância?

A partir dessa questão, levanta-se como hipótese que o brincar heurístico, ao permitir que a criança escolha, manipule e relacione objetos de maneira livre, pode estimular não só sua criatividade, mas também seu raciocínio lógico, sua coordenação motora e sua capacidade de resolver problemas, promovendo um desenvolvimento integral e mais autônomo.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é compreender o papel do brincar heurístico no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. Especificamente, busca-se investigar os fundamentos teóricos dessa proposta, analisar

os benefícios que ela oferece para o desenvolvimento infantil, observar como o brincar heurístico vem sendo aplicado em contextos pedagógicos reais e refletir sobre os desafios e estratégias possíveis para sua implementação nas instituições de ensino.
A metodologia adotada será qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise documental. Pretende-se estudar autores que tratam do brincar na infância, como Elkonin, Vygotsky, Montessori e Goldschmied, esta última, idealizadora da abordagem heurística.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O PAPEL DO BRINCAR HEURÍSTICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando se pensa na infância, logo vêm à mente imagens de brincadeiras, risos e descobertas. E não é por acaso. Brincar é, por excelência, a linguagem da criança. É brincando que ela entende o mundo, expressa suas emoções, exercita a criatividade e constrói o conhecimento. O brincar heurístico entra nesse cenário como uma proposta que vai além do simples entreter: ele convida a criança a explorar, experimentar e investigar, usando objetos variados, em um ambiente livre de julgamentos e pressões.
O termo "heurístico" vem da palavra grega heurískein, que significa descobrir. No contexto da Educação Infantil, brincar heurístico é aquele tipo de brincadeira em que a criança manipula objetos de forma autônoma, sem interferência direta do adulto, guiada apenas pela própria curiosidade. É uma abordagem centrada na ideia de que a criança é ativa, capaz de pensar, criar e fazer conexões por conta própria. Segundo Goldschmied e Jackson (2006), criadoras da metodologia, essa prática "dá tempo e espaço para que os pequenos testem suas hipóteses e descubram as propriedades dos objetos ao seu redor".
Um ponto-chave do brincar heurístico é o uso de materiais não estruturados como potes, colheres, tampas, tecidos e pedaços de madeira que, por não terem uma função predeterminada, despertam ainda mais a imaginação das crianças. Diferente dos brinquedos prontos, que já ensinam como devem ser usados, esses materiais abrem espaço para múltiplas possibilidades. É como oferecer tintas e pincéis, mas deixar que a criança pinte o que quiser. Como bem disse Malaguzzi (1999), criador da abordagem Reggio Emilia, "a criança tem cem linguagens", e o brincar é uma das mais potentes.
Brincar dessa forma, livre e investigativa, tem impactos profundos no desenvolvimento infantil. Segundo Vygotsky (1998), a brincadeira simbólica aquela em que a criança representa e reorganiza o mundo à sua maneira contribui significativamente para o desenvolvimento do pensamento, da atenção voluntária e da memória. O brincar heurístico, ao estimular esse tipo de exploração, ajuda a desenvolver funções mentais superiores e fortalece a autonomia, pois a criança toma decisões, avalia riscos e aprende com os próprios erros e acertos.
Além do aspecto cognitivo, o brincar heurístico também mexe com o corpo e as emoções. Quando a criança manipula objetos de diferentes texturas, pesos, tamanhos e formas, ela desenvolve sua coordenação motora fina, seu equilíbrio e sua percepção sensorial. Mas não para por aí: ao explorar sozinha ou em grupo, ela aprende a lidar com frustrações, a esperar sua vez, a negociar com os colegas e a experimentar o prazer de descobrir algo por si mesma. É uma dança delicada entre o eu e o outro, entre o toque e o pensar.
Outro aspecto importante dessa prática é o papel do adulto. No brincar heurístico, o educador não é quem comanda a brincadeira, mas sim quem prepara o ambiente, escolhe com cuidado os materiais e observa atentamente as ações das crianças. Sua escuta é sensível e silenciosa, permitindo que as descobertas aconteçam de forma natural. Como destacam Oliveira e Barbosa (2015, p. 14), "o adulto que compreende o valor do brincar heurístico atua como mediador discreto, respeitando os tempos e os interesses de cada criança".
A escola, como espaço privilegiado de aprendizagem, precisa abrir as portas para esse tipo de proposta. Isso implica não só repen-

sar o uso dos brinquedos e dos espaços, mas também acreditar verdadeiramente na potência da infância. Segundo Kishimoto (2011), o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento global da criança e deve ser valorizado como parte central do currículo da Educação Infantil. Nesse sentido, o brincar heurístico se mostra uma ferramenta rica, acessível e alinhada com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que valoriza a autonomia, a escuta e a exploração no processo de aprendizagem.

Implementar o brincar heurístico, no entanto, requer uma mudança de olhar. Em muitos contextos, ainda se espera que a criança produza algo visível um desenho, uma colagem, uma atividade com começo, meio e fim. Mas o brincar heurístico ensina que o processo importa mais do que o produto. Como afirma Barbosa (2009, p. 28), "a aprendizagem significativa na infância acontece quando a criança está engajada emocional e intelectualmente na atividade, e isso o brincar heurístico promove com maestria".

Apesar de suas inúmeras vantagens, essa abordagem ainda enfrenta alguns desafios, como a falta de formação específica dos educadores e a resistência de algumas instituições em flexibilizar rotinas muito rígidas. Mas aos poucos, com sensibilidade e comprometimento, é possível transformar o cotidiano escolar em um espaço mais acolhedor, criativo e alinhado com as necessidades reais das crianças.

O brincar heurístico não é só uma técnica ou uma atividade pedagógica; é uma postura diante da infância. É reconhecer que a criança tem saberes, desejos e potências que florescem quando lhe damos liberdade para ser quem é. Ao criar um ambiente rico em estímulos e pobre em comandos, damos espaço para que a infância brilhe com toda a sua força. E, convenhamos, não há aprendizado mais bonito do que aquele que nasce do encantamento.

2.2 OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DESSA PROPOSTA

Entender o brincar heurístico exige que se volte o olhar para as bases teóricas que sustentam essa abordagem. Afinal, nenhuma proposta pedagógica nasce do nada. Ela carrega consigo ideias, experiências e olhares sobre a infância e o desenvolvimento humano. O brincar heurístico, em especial, dialoga com teorias que reconhecem a criança como protagonista da própria aprendizagem, como pensadora ativa e curiosa. E é aí que entramos no terreno de autores como Piaget, Vygotsky, Montessori, Malaguzzi e, claro, Elinor Goldschmied que idealizou essa proposta tão sensível e poderosa.

Jean Piaget, conhecido por seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo, enxergava a criança como um pequeno cientista em ação. Para ele, o conhecimento não é algo que simplesmente se recebe; é construído a partir da interação com o mundo. Quando a criança manipula objetos, observa reações e testa hipóteses, ela está justamente exercitando o que Piaget chamou de assimilação e acomodação (Piaget, 1998). Nesse sentido, o brincar heurístico é uma ferramenta perfeita para colocar essas ideias em prática, pois permite à criança experimentar livremente e reorganizar suas percepções.

Lev Vygotsky, por outro lado, trouxe a noção de que o desenvolvimento ocorre em contextos sociais, e que a aprendizagem é mediada pela linguagem e pela interação com o outro. Um conceito importante de sua teoria é a "zona de desenvolvimento proximal", que representa o espaço entre o que a criança já sabe fazer sozinha e o que ela consegue fazer com ajuda (Vygotsky, 1998). No brincar heurístico, esse espaço é respeitado com muito cuidado: o adulto prepara o ambiente e observa, mas não interfere diretamente, permitindo que a criança avance com base em suas próprias descobertas.

Maria Montessori, precursora de uma pedagogia que valoriza a autonomia e o autoaprimoramento, também tem muito a ver com essa proposta. Para ela, o ambiente precisa ser rico, organizado e acessível, para que a criança possa escolher o que deseja fazer e desenvolver-se no seu próprio ritmo. Montessori acreditava que "a mão é o instrumento da inteligência" (Montessori, 2000, p. 5), e o brincar heurístico leva isso ao pé da letra, ao valorizar a manipulação de objetos diversos como meio de aprendizagem sensorial e cognitiva.

Outra grande influência vem de Loris Malaguzzi e a abordagem Reggio Emilia, que também reconhece a criança como um ser cheio de potencialidades. Malaguzzi dizia que “a criança tem cem linguagens”, ou seja, ela se expressa de muitas formas, seja com o corpo, com gestos, com a fala, com a arte ou com o brincar (Malaguzzi, 1999). O brincar heurístico abre espaço para todas essas linguagens, especialmente porque não impõe regras fixas, mas convida à criação e à expressão livre.

Elinor Goldschmied, a idealizadora do brincar heurístico. Sua proposta nasceu da observação atenta dos bebês e crianças bem pequenas em instituições educativas. Ela percebeu que, quando tinham acesso a objetos do cotidiano e liberdade para explorá-los, os pequenos ficavam mais concentrados, calmos e engajados. Para Goldschmied e Jackson (2006), o segredo está em oferecer materiais que não tenham um "caminho certo" de uso, permitindo que a criança crie esse caminho com base em suas próprias experiências.

Além das influências clássicas, o brincar heurístico dialoga com a ideia de experiência significativa trazida por autores contemporâneos. Barbosa (2009), por exemplo, reforça que a aprendizagem na infância não deve se basear apenas em conteúdos, mas na vivência plena, no fazer com sentido. Para ela, o brincar é uma forma legítima de conhecer e compreender o mundo, e o papel do educador é favorecer experiências que façam sentido para a criança exatamente como propõe o brincar heurístico.

Outro fundamento importante é o conceito de ambiente como terceiro educador, muito presente nas propostas de Reggio Emilia. Nessa perspectiva, o espaço onde a criança está inserida comunica, ensina, inspira. Por isso, no brincar heurístico, há um cuidado especial com a organização dos objetos, a estética do ambiente e a forma como os materiais são apresentados. Nada está ali por acaso. Cada elemento convida a criança a tocar, investigar e mergulhar na experiência com os cinco sentidos.

Do ponto de vista do currículo, o brincar heurístico se alinha aos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que valoriza a escuta ativa, a participação e o protagonismo das crianças na Educação Infantil. A BNCC destaca que “as interações e brincadeiras são eixos estruturantes das práticas pedagógicas” (BRASIL, 2017, p. 36), reforçando a importância de propostas que respeitem os interesses e os tempos das crianças, como é o caso do brincar heurístico.

É importante entender que o brincar heurístico não é uma técnica isolada ou uma atividade solta. Ele faz parte de uma visão mais ampla de infância e de educação, onde se acredita que aprender é algo que se vive com o corpo, com os sentidos e com o coração. É uma forma de estar no mundo com curiosidade e encantamento, e de ensinar com presença e respeito. Ao unir teoria e prática, essa abordagem se firma como uma proposta potente e transformadora para a Educação Infantil.

2.3 OS BENEFÍCIOS QUE O BRINCAR HEURÍSTICO OFERECE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O brincar heurístico traz a criatividade e descobertas. Ao permitir que a criança explore objetos do cotidiano de forma autônoma, essa proposta educativa transforma simples ações em experiências ricas de aprendizado. A beleza dessa prática está justamente na simplicidade: não se trata de brinquedos sofisticados, mas de objetos que despertam curiosidade e oferecem inúmeras possibilidades de manipulação, como potes, colheres, conchas e tecidos. É nesse ambiente que o desenvolvimento infantil acontece de maneira natural e significativa.

Um dos primeiros benefícios observados é o fortalecimento da autonomia. Quando a criança tem liberdade para escolher com o que quer brincar, quanto tempo deseja ficar com determinado objeto e de que forma vai utilizá-lo, ela começa a desenvolver confiança nas próprias decisões. De acordo com Goldschmied e Jackson (2006), ao manipular livremente os objetos, a criança aprende não apenas sobre o mundo, mas também sobre si mesma seus limites, preferências e habilidades.

O brincar heurístico também contribui significativamente para o aumento da concentração. Em muitas situações, crianças pequenas permanecem envolvidas na exploração dos materiais por longos períodos, focadas, serenas e totalmente presentes naquele momento. Esse tipo de atenção só se torna possível porque a atividade parte do interesse real da criança e respeita seu ritmo interno. Conforme destacam Oliveira e Barbosa (2015), ambientes acolhedores e ricos em estímulos sensoriais favorecem o engajamento espontâneo das crianças.

Os benefícios motores também são notáveis. Ao explorar objetos de diferentes tamanhos, pesos, texturas e formas, a criança exercita sua coordenação motora fina, seu equilíbrio e a percepção espacial. A manipulação desses materiais exige movimentos precisos, controle das mãos, dos dedos, dos braços. Montessori (2000) já afirmava que o movimento é essencial para a construção do pensamento, e essa ideia se concretiza na prática do brincar heurístico de forma bastante visível.

Além disso, o brincar heurístico tem um impacto profundo no desenvolvimento emocional. A cada pequena conquista como empilhar tampas com sucesso ou descobrir um novo som ao bater dois objetos a criança experimenta uma alegria genuína e sente-se capaz. Essa vivência fortalece a autoestima e a segurança emocional. Barbosa (2009) afirma que o brincar que permite erro e acerto, sem punição ou pressão, é fundamental para o desenvolvimento de uma identidade segura e de uma postura confiante diante do mundo.

Mesmo quando a atividade é individual, o brincar heurístico também favorece o desenvolvimento social. Crianças que compartilham o mesmo espaço de brincadeira acabam se observando, interagindo de forma espontânea, trocando ideias, gestos e até estratégias. Assim, sem que haja uma imposição de trabalho em grupo, elas vivenciam relações de respeito, colaboração e empatia valores fundamentais para a vida em sociedade.

No campo cognitivo, os benefícios são igualmente relevantes. A cada ação realizada, a criança precisa pensar, prever, testar e avaliar. Ela formula hipóteses e observa os resultados das suas escolhas, num processo que envolve raciocínio lógico, resolução de problemas e flexibilidade mental. Piaget (1998) já destacava que a criança constrói o conhecimento por meio da interação com o meio, e é exatamente isso que o brincar heurístico oferece: um ambiente onde pensar e fazer caminham lado a lado.

Outro aspecto que merece destaque é o desenvolvimento da linguagem. Mesmo quando brinca sozinha, a criança tende a narrar o que faz, nomear os objetos, criar histórias, fazer perguntas. Isso contribui diretamente para o enriquecimento do vocabulário e para a organização do pensamento. Em situações coletivas, surgem diálogos e trocas que fortalecem ainda mais essa dimensão. Vygotsky (1998) apontava que a linguagem se desenvolve nas interações sociais, e o brincar heurístico oferece um campo fértil para que essas interações ocorram de forma natural.

Também é importante considerar o vínculo que a criança estabelece com o ambiente. Ao manipular objetos que fazem parte do seu cotidiano como talheres, pedaços de madeira ou tecidos ela amplia sua compreensão do mundo à sua volta. Essas experiências permitem que ela relacione o brincar com situações reais do dia a dia, o que torna o aprendizado mais significativo. Essa conexão entre o lúdico e o real ajuda a criança a se sentir parte do espaço em que vive.

Assim, os benefícios do brincar heurístico são amplos e profundos. Eles tocam o corpo, a mente, as emoções e as relações. Mais do que uma atividade pedagógica, essa prática representa um modo de respeitar a infância em sua essência: curiosa, ativa e criadora. Quando se oferece tempo, espaço e liberdade para que a criança explore o mundo com as próprias mãos, ela responde com encantamento, descobertas e aprendizados que permanecerão para toda a vida.

2.4 COMO O BRINCAR HEURÍSTICO VEM SENDO APLICADO EM CONTEXTOS PEDAGÓGICOS REAIS E OS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA SUA IMPLEMENTAÇÃO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

O brincar heurístico, apesar de ainda não ser amplamente difundido no Brasil, tem ganhado espaço em instituições de Educação Infantil que buscam práticas mais respeitosas, investigativas e centradas na criança. Em contextos onde essa abordagem vem sendo adotada, nota-se um ambiente mais acolhedor, silencioso, mas intensamente ativo onde as crianças exploram livremente os materiais oferecidos, sem que haja interferência direta do adulto. Essa forma de brincar vem sendo valorizada por educadores que reconhecem o poder das experiências sensoriais e da autonomia na construção do conhecimento.

Na prática, o brincar heurístico costuma acontecer em momentos planejados, nos quais o professor organiza o espaço com materiais não estruturados, geralmente dispostos em cestos ou bandejas, em locais tranquilos e seguros. A ideia é que a criança tenha tempo e liberdade para manipular os objetos conforme sua vontade. Em uma experiência documentada por Santos e Costa (2020), realizada em uma creche pública de São Paulo, observou-se que, após algumas semanas de oferta regular desses momentos, as crianças demonstraram maior concentração, interação espontânea e atitudes de cuidado com os materiais, mostrando que esse tipo de proposta também promove valores como respeito e responsabilidade.

No entanto, implementar o brincar heurístico nem sempre é uma tarefa simples. Um dos principais desafios enfrentados pelas instituições está na formação dos profissionais. Muitos educadores ainda têm uma visão tradicional da infância, que associa aprendizado a atividades dirigidas e resultados visíveis. Para aceitar que uma criança "brincando com tampas e tecidos" está, de fato, aprendendo, é preciso desconstruir ideias e mergulhar em novas formas de compreender o desenvolvimento infantil. Segundo Kramer (2012), essa mudança exige investimento na formação continuada dos professores e na construção de um olhar mais sensível e investigativo sobre o brincar.

Outro obstáculo recorrente é a falta de materiais e de espaço adequado. Como o brincar heurístico se baseia no uso de objetos diversos, muitas vezes é necessário criar um acervo próprio com itens como colheres de pau, argolas, caixas de papelão, pedras lisas, entre outros o que exige tempo, pesquisa e até apoio da comunidade escolar. Em muitas escolas, a limitação orçamentária torna esse processo mais difícil. No entanto, como lembra Rinaldi (2001), os recursos mais importantes não são caros nem sofisticados, e sim aqueles que promovem a conexão da criança com o mundo real.

A resistência por parte de famílias também é um ponto que merece atenção. Em alguns casos, os pais esperam que a escola ofereça "conteúdos" mais estruturados, com atividades visivelmente educativas. Quando veem os filhos brincando com objetos simples, podem interpretar isso como falta de planejamento ou de ensino formal. Por isso, é fundamental que as instituições criem espaços de diálogo com as famílias, explicando o valor pedagógico do brincar heurístico. Como orienta Oliveira-Formosinho (2007), a participação das famílias no cotidiano da escola é essencial para a construção de uma proposta educativa mais coerente e compartilhada.

Em relação às estratégias para implementar essa prática, uma das mais eficazes é a criação de "ateliês de experimentação", onde os materiais são organizados por tipo e acessíveis às crianças. Esses espaços favorecem a rotina de exploração e ajudam a incorporar o brincar heurístico ao cotidiano escolar. Além disso, a observação constante por parte dos professores é uma ferramenta poderosa. Não se trata apenas de "deixar brincar", mas de acompanhar atentamente o que acontece, registrar descobertas e refletir sobre os interesses das crianças. Como destaca Bondioli (2004), a documentação pedagógica é um recurso essencial para qualificar o olhar docente e dar visibilidade aos processos de aprendizagem.

Em experiências pedagógicas inspiradas na abordagem Reggio Emilia que compartilha vários princípios com o brincar heurístico observa-se que quando o ambiente é cuidadosamente preparado, a criança interage com o espaço como se ele próprio fosse um educador silencioso. Isso exige sensibilidade por parte dos professores, mas também uma escuta atenta e sem pressa. Segundo Vecchi (2013), é preciso aceitar que o apren-

dizado se constrói em espiral, cheio de idas e vindas, e que o brincar livre não é perda de tempo, mas sim construção de significado.

Outro ponto estratégico é valorizar os relatos e os registros como instrumentos de reflexão e formação. Quando os professores compartilham suas observações em grupo, analisam vídeos das brincadeiras ou debatem os avanços das crianças, toda a equipe cresce junta. Essa troca de experiências fortalece a proposta e dá segurança para que mais educadores experimentem o brincar heurístico. Como apontam Silva e Barbosa (2021), a prática pedagógica se enriquece quando os profissionais têm espaço para refletir sobre o que fazem e por que fazem.

Mesmo diante dos desafios, as instituições que abraçam essa proposta costumam relatar mudanças significativas no clima escolar. As crianças se mostram mais engajadas, criativas e colaborativas. Os professores, por sua vez, desenvolvem uma escuta mais apurada e uma postura mais investigativa. Aos poucos, a escola se transforma em um espaço onde brincar e aprender não são opostos, mas sim faces da mesma moeda.

Portanto, aplicar o brincar heurístico na Educação Infantil é mais do que propor uma nova atividade. É assumir uma nova forma de ver a criança, de organizar o tempo e o espaço, e de pensar o papel do educador. É reconhecer que a infância tem seu próprio ritmo e que o aprendizado mais potente é aquele que nasce do encantamento. E, nesse caminho, o brincar heurístico não é apenas uma proposta é uma filosofia de cuidado, respeito e escuta ativa da criança.

CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, ficou evidente que o brincar heurístico é muito mais do que uma simples atividade lúdica: trata-se de uma proposta pedagógica potente, que reconhece e valoriza a criança como sujeito ativo, curioso e competente no processo de aprendizagem. Ao oferecer liberdade de exploração com objetos do cotidiano, o brincar heurístico abre espaço para que a criança pense com as mãos, sinta com o corpo e aprenda com os próprios passos mesmo que ainda pequeninos.

Os fundamentos teóricos apresentados, embasados em autores como Piaget, Vygotsky, Montessori, Malaguzzi e Goldschmied, demonstram que a aprendizagem significativa se constrói quando há escuta, respeito pelos ritmos infantis e confiança na capacidade de descoberta das crianças. A prática heurística, ao integrar esses princípios, permite que o desenvolvimento aconteça de forma integral envolvendo aspectos cognitivos, motores, emocionais, sociais e linguísticos.

As experiências práticas descritas e os relatos de contextos pedagógicos reais mostram que, onde o brincar heurístico é aplicado com intencionalidade e sensibilidade, os resultados são visíveis: crianças mais concentradas, autônomas, investigativas e seguras de si. Ainda assim, sabe-se que implementar essa proposta exige superação de desafios, como a formação adequada de educadores, a organização dos espaços e a conscientização das famílias quanto ao valor do brincar livre.

Diante disso, é possível afirmar que o brincar heurístico não é apenas uma técnica educativa, mas sim uma escolha ética e política: a escolha de enxergar a infância como tempo de potência, de expressão e de aprendizagem viva. É a decisão de confiar que, ao brincar, a criança está, sim, construindo saberes fundamentais para sua formação como sujeito.

É preciso, portanto, que as instituições de ensino se abram a essa escuta e se reorganizem para acolher práticas mais flexíveis, sensíveis e criativas. Ao reconhecer o brincar heurístico como parte essencial do currículo da Educação Infantil, dá-se um passo importante rumo a uma educação mais humanizada, onde a criança não apenas é cuidada, mas também respeitada em sua essência.

Em tempos em que a velocidade, a produtividade e os resultados ainda ditam tantas regras, o brincar heurístico vem nos lembrar que há valor no silêncio da observação, na leveza da experiência e na sabedoria das pequenas mãos que descobrem o mundo ao seu próprio tempo. E talvez, nesse gesto simples, esteja o segredo de uma infância plena e de uma educação verdadeiramente transformadora.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por entre as tramas da formação e do trabalho docente com a infância. Petrópolis: Vozes, 2009.

BONDIOLI, Anna. Avaliação na Educação Infantil: um processo de construção compartilhada. Campinas: Autores Associados, 2004.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 10 jun. 2025.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. Pessoas muito pequenas em ação: educação para os três primeiros anos de vida. Porto Alegre: Penso, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. 6. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade: repensando a Educação Infantil. São Paulo: Ática, 2012.

MALAGUZZI, Loris. As cem linguagens da criança. Reggio Emilia: Reggio Children, 1999.

MONTESSORI, Maria. A criança. 7. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2015.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Joana. A educação pré-escolar em Portugal e na Europa: políticas e práticas. Porto: Porto Editora, 2007.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

RINALDI, Carlina. In dialogue with Reggio Emilia: listening, researching and learning. London: Routledge, 2001.

SANTOS, Adriana G.; COSTA, Luana R. Brincar heurístico: caminhos para a autonomia na creche pública. Revista Educação em Debate, Fortaleza, v. 42, n. 80, p. 191-206, 2020.

SILVA, Mariana; BARBOSA, Márcia. Formação continuada e práticas reflexivas na Educação Infantil. Curitiba: CRV, 2021.

VECCHI, Vea. Arte e criatividade no pensamento infantil. Porto Alegre: Penso, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.